

EDUCAÇÃO DE USUÁRIO EM BIBLIOTECAS ESCOLARES: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Maria da Conceição CARVALHO. Professora do Curso de Biblioteconomia – Universidade Federal do Espírito Santo.

Discute o valor e os métodos de um programa de educação de usuários em bibliotecas escolares.

1 INTRODUÇÃO

A época de rápidas transformações que atravessamos tende a exigir mudanças radicais no processo de transmissão da educação e cultura. Transmitir pura e simplesmente a experiência cultural do passado não é suficiente para promover o desenvolvimento de indivíduos ou de um povo. Povos que se encontram em estágio econômico e social mais avançado contam, entre os fatores ou variáveis desse processo de desenvolvimento, com um método educativo em que a ênfase maior é FORMAR, mais do que INFORMAR. E o método formativo visa, antes de mais nada, uma mudança de atitude, não se limitando à aquisição de conhecimentos, mas cuidando fundamentalmente da criação de hábitos, que se formam quando se atinge as camadas mais profundas da sensibilidade e do entendimento.

Assim, dentro do moderno sistema educativo, a Biblioteca Escolar tem como objetivo primeiro criar nos educandos os hábitos indispensáveis de leitura e trabalho intelectual, que lhes serão úteis não somente durante a vida de estudante, mas que lhes proporcionarão, no futuro, meios para um desempenho melhor na vida social e profissional.

Examinando, entretanto, o sistema educacional do nosso país percebe-se que, excetuando-se as melhores escolas dos grandes centros urbanos, os educadores, de modo geral, ainda não entendem a aprendizagem como um processo de averiguações, nem percebem que as averiguações e pesquisas exigem fontes de consulta que, na sua maior parte, devem ser buscadas nas bibliotecas.

Ainda prevalece aqui o conceito de educação como um ato de “despejar” informações em oposição à idéia de educação como estímulo à auto-iniciativa, com o estudante se orientando com segurança e independência na busca das fontes de consulta.

Embora os programas de educação de usuários de bibliotecas escolares fossem raros mesmo nos países desenvolvidos até 1970, segundo estudo promovido pela FID (17), acreditamos que no Brasil a baixíssima ocorrência desses programas decorre do quase total desconhecimento da biblioteca escolar como parte integrante do processo educativo global.

2 OBJETIVOS

A educação autodirigida só se torna possível se a escola dispõe de uma biblioteca atuante, com pessoal competente e desempenhe também papel docente. O isolamento professor/bibliotecário não é aceitável dentro do conceito de Escola Moderna. Ao con-

trário, é desejável que o bibliotecário tenha formação pedagógica e que os professores recebam treinamento sobre o uso do material bibliográfico, de modo que a biblioteca faça parte integrante do sistema educacional, e a orientação de leitura e uso da biblioteca seja um trabalho conjunto de todos os membros do “staff”, em oportunidades apropriadas.

O objetivo de um programa de orientação e educação em biblioteca escolar deve ser não somente introduzir o usuário às técnicas gerais do uso da biblioteca, aos serviços disponíveis e ao “layout”, mas também, e principalmente, a formação de hábitos de leitura e consulta, dando ao aluno condições para avaliar, selecionar e utilizar os meios apropriados para a solução de seus problemas pessoais e escolares.

Em outras palavras, além de estabelecer objetivos cognitivos – conhecimento, conceituação, compreensão – o programa deve se fixar prioritariamente nos objetivos efetivos, que representam a mudança de comportamento através da criação de atitudes e valores mentais e sociais.

O bibliotecário escolar deve estar consciente da grande responsabilidade que lhe cabe como auxiliar dos pais na formação de hábitos, atitudes e habilidades (6), pois é certo que o adulto não modifica sua natureza: seus mecanismos de pensamento e comportamento se constroem na infância. Lasso de la Vega, citado por N. C. Bejes e M. S. Dias (3), diz que “há que atrair os meninos aos livros e ensinar-lhes o manejo das bibliotecas para que aprendendo a utilizá-las e a servir-se delas, ao chegar o tempo em que sejam homens continuem freqüentando-as igualmente e tirem delas os meios para se tornarem úteis, mais inteligentes e melhores”.

Também A. M. Polke (18) enfatiza o papel da biblioteca escolar na formação de hábitos de leitura desde o jardim de infância, antes mesmo de ser iniciada a alfabetização.

Não seria demais afirmar que a leitura adequada ajuda a criança a desenvolver sua capacidade de percepção, identificação e coordenação de suas experiências, ocasionando maior ajustamento social.

Saber usar os recursos de uma biblioteca é importante na educação dos jovens, não só como habilidade necessária para o êxito das atividades escolares, mas também como um tipo de conhecimento que terá utilidade do mesmo modo na vida adulta.

Há ainda outros motivos que tornam as bibliotecas escolares as mais indicadas para orientar os alunos sobre o uso das bibliotecas e do material bibliográfico. Se orientado desde os primeiros anos escolares, o aluno chegará à universidade apto a organizar corretamente seus trabalhos curriculares, teses, monografias, etc., ao mesmo tempo que se sentirá descontraído no ambiente da biblioteca. O esforço despendido na execução desses programas na escola primária e secundária se reflete, assim, em estudantes universitários mais amadurecidos intelectualmente, mais independentes na realização de suas pesquisas, o que poupa ao bibliotecário universitário tempo precioso que poderá ser aproveitado na provisão de melhores serviços.

Outra razão para que a educação do usuário faça parte do *currículo* das escolas primárias e secundárias é o fato, bastante grave em nosso país, de que somente um número muito reduzido de estudantes pode atingir a universidade. Assim, se o hábito de pesquisar e de consultar bibliotecas for criado na infância e adolescência, o indivíduo estará capacitado a levar adiante, sozinho, um programa de educação contínua e de atualização, ou apenas a leitura como forma de lazer, fazendo uso de outros recursos bibliotecários dentro da comunidade.

Aprendendo a usar a biblioteca, o jovem estará também recebendo lições de comportamento democrático; estará adquirindo responsabilidade para com o uso de coisa

pública, ao mesmo tempo que se dá conta das obrigações e comportamento adequados dentro de um grupo, aprendendo a trabalhar em equipe e a respeitar os gostos e direitos dos outros.

3 O QUE ENSINAR

A elaboração do conteúdo programático deve resultar de um trabalho conjunto de bibliotecários e professores. Enquanto algumas escolas apenas despertam para a aplicação da lista tradicional de habilidades para serem ensinadas em cada ano escolar, outras já evoluem para a instrução mais flexível, de acordo com as necessidades particulares do aluno, independente da série que esteja cursando.

O programa de orientação das séries de primeiro grau visa cultivar na criança o seu desejo inato de saber, introduzindo-as aos poucos aos instrumentos que lhe serão necessários para a prática da leitura.

N. C. Bejes e M. S. Dias (3) sugerem um programa de orientação de pesquisa bibliográfica, sistematizado, para ser aplicado em bibliotecas escolares brasileiras. Utilizam a separação rígida de temas por séries, abordando no primeiro grau o seguinte temário:

- manuseio correto do livro de leitura
- noções básicas das partes integrantes do livro
- exercícios de alfabetação
- uso de dicionários e enciclopédias
- cuidados especiais com o livro: higiene, conservação, devolução na data prevista, etc.
- conhecimento e uso de fichários
- localização do livro na estante utilizando o número de chamada
- utilidade prática do índice
- como tomar apontamentos e ordená-los
- confecção de resumos
- quais são as fontes de pesquisa
- uso de material complementar de referência (recortes, mapas, etc.)
- apresentação normalizada de trabalhos
- referência bibliográfica
- conhecimento e utilização de periódicos e materiais especiais
- orientação para visitas e consultas a bibliotecas públicas e especializadas, consultados, escolas profissionais, etc.
- manipulação e uso de retroprojektor, toca-fitas, projetor de slides, gravadores, etc.

Tarcila M. da Costa (8) relatando o programa de primeiro grau adotado na Biblioteca do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, cita ainda explicações sobre a História do Livro e das Bibliotecas.

É importante que nos primeiros anos a Escola não abafe a vontade natural de saber da criança, devendo o programa de orientação ser aplicado com muita imaginação e habilidade.

No segundo grau a importância do uso do material bibliográfico é reforçada, e é possível iniciar a orientação já dirigida para a futura carreira do estudante. O programa, além de repetir instruções sobre o uso da biblioteca, pode abordar temas como:

- conceitos fundamentais de informação;
- o documento como fonte de informação;
- o papel da informação na investigação científica e no desenvolvimento técnico.

É de se esperar que, através da assimilação desse conteúdo programático, o aluno de primeiro e segundo graus participe integralmente das tarefas escolares e, à medida que avança na vida escolar, passe a reconhecer na biblioteca um elemento fundamental para o seu desenvolvimento intelectual.

4 METODOLOGIA

Antes de uma abordagem sobre quais seriam os métodos mais adequados para a educação do usuário de bibliotecas escolares, seria interessante considerar qual é a imagem que a criança e o adolescente fazem da biblioteca.

Para a criança dos primeiros anos escolares a biblioteca corre o risco de ser um lugar triste e sem fantasia, onde até mesmo os livros de gravuras coloridas parecem pouco convidativos, guardados sob a proteção de um bibliotecário pouco tolerante.

A imagem do adolescente típico é comparada à da biblioteca típica por Robert D. Hess (11), que ressalta a incompatibilidade existente entre ambos. Segundo esse autor, as bibliotecas seriam modelos da regularidade, docilidade e repressão da classe média, enquanto o adolescente representaria a imagem de impulsividade, falta de ordem e de respeito pela repressão do adulto.

Como, então, atrair o jovem para esse mundo ordenado, se sua personalidade e a própria estrutura da biblioteca são antagônicas?

Antes de tudo, o jovem deve acreditar que o pessoal da biblioteca é amigo e competente, e que está pronto para ajudá-lo. A orientação deve ser vista pelos alunos como uma saudação de boas-vindas e um oferecimento de apoio, pois somente assim eles se sentirão confortáveis e relaxados no novo ambiente, ao invés de intimidados e desconfiados.

É importante que a criança e o adolescente passem a identificar a biblioteca como um lugar onde se consegue ajuda e onde se pode gozar momentos de lazer. Nessa primeira etapa, as qualidades pessoais do bibliotecário constituem fator de influência na motivação do aluno para usar a biblioteca. Essas qualidades poderiam ser identificadas como entusiasmo, capacidade para se comunicar eficazmente, amabilidade, presteza e paciência. Além disso, para se estabelecer um relacionamento sem barreiras é importante que o bibliotecário se mantenha alerta às necessidades e problemas de cada aluno. É importante também que esteja disposto a ir além das quatro paredes da biblioteca, tornando-se membro ativo da Escola e da Comunidade, projetando e ampliando uma imagem positiva da biblioteca entre os professores e pais de alunos, pessoas essas que podem influenciar o usuário escolar a procurar a biblioteca.

Não há padrão comum nos programas de orientação. As variações de abordagem e de metodologia são enormes de uma escola para outra, de um curso para outro, dependendo dos objetivos da Escola e das necessidades imediatas dos alunos. Entretanto, algumas diretrizes podem ser apontadas. Quanto menor for a biblioteca mais personalizado e eficaz deve ser o programa, pois o escasso material bibliográfico deverá ser manipulado de maneira dinâmica, a fim de divulgar o maior número possível de informações.

De modo geral, são adotadas três formas de instrução: em grandes grupos; em pequenos grupos; individualmente.

Surge agora a questão: como e quando instruir o usuário?

No início do ano letivo, bibliotecários e professores devem fazer um levantamento do número exato de alunos que devem ser orientados, dividindo-os em grupos maiores

ou menores, conforme o tamanho da biblioteca e o tempo disponível para a orientação. A carga horária dos programas de orientação e educação de usuários varia consideravelmente do primeiro para o segundo ciclo, e de instituição para instituição, mas pode-se apontar como mais comuns os programas de uma ou duas horas semanais de orientação, com base em aulas teóricas e práticas.

São geralmente adotados os métodos tradicionais em combinação com outros que podem e devem surgir da imaginação e criatividade do bibliotecário e dos professores. São palestras feitas no início do ano pelo bibliotecário ou por um professor, em geral para grandes grupos, visitas guiadas, apresentações audiovisuais, distribuição de folhetos, etc.

A publicidade por meio de exibições, exposições e cartazes é importante para encorajar os alunos a entrar e folhear os livros de seu interesse.

A instrução formal, em geral, não preenche de maneira satisfatória os objetivos do programa, podendo transformar-se em verdadeira rotina sem relação direta com as necessidades dos alunos.

Além disso, alguns alunos demonstram hostilidade diante da perspectiva de uma aula sobre biblioteca, que, acreditam eles, representa a obrigatoriedade de levar livros para casa. A leitura obrigatória de livros pode fazer com que não queiram ler outros mais tarde. Quem não se recorda de experiências traumatizantes com um professor ou um bibliotecário opressores?

Nos cursos de 1º grau a professora de cada classe poderá tentar introduzir a criança, nas primeiras semanas de aula, ao uso da biblioteca. Toda a classe será levada à biblioteca em horário previamente determinado, e o bibliotecário já terá espalhado informalmente, pelas mesas, livros dos mais variados gêneros e assuntos. Uma breve explicação sobre a biblioteca será dada pela professora ou pelo bibliotecário, e durante o resto do tempo os alunos estarão livres para andar entre as estantes e mesas e folhear os livros, mas sem a obrigatoriedade de levar algum para casa. Se algum aluno demonstrar interesse especial por determinado assunto apenas lhe será indicada a seção apropriada. Essa tática desmistifica a imagem da biblioteca e faz crescer o interesse dos alunos pela mesma.

A instrução individual pode ser dada no momento em que o aluno tem uma dúvida ou problema em particular e não sabe onde e como buscar a solução. Embora tome mais tempo e muitas vezes o pedido de ajuda não coincida com a disponibilidade de tempo do professor ou bibliotecário, o programa de instrução deve ser flexível o bastante para alcançar todos os alunos sistemática ou esporadicamente.

O que dá melhores resultados, entretanto, parece ser as instruções diretamente relacionadas com trabalhos de classe. O bibliotecário e os professores podem preparar, no início do período letivo, um plano geral determinando, dentro das diversas disciplinas, quais os instrumentos bibliográficos que o aluno terá necessidade de utilizar. Desse modo, as lições de orientação sobre a biblioteca serão dadas simultaneamente às necessidades imediatas dos alunos dentro da classe, aproveitando um momento de alta motivação. O estudante tem mais êxito quando aprende entendendo do QUE lhe está sendo ensinado e o PORQUÊ.

Muitas escolas começam a reconhecer que os alunos aprendem fazendo, e não simplesmente sendo ensinados. Em consequência, também o uso da biblioteca é entendido como habilidade que se adquire através da prática. A técnica "Seja bibliotecário por um dia" tem sido muito adotada como parte do programa de instrução. Um sistema de rodízio é organizado de modo que os alunos tenham oportunidade de desenvolver uma variedade de tarefas, podendo ou não valer créditos. Entretanto, tal método só funciona quando o bibliotecário tem tempo suficiente para orientar e supervisionar o aluno.

Outra questão: quem orienta e educa o usuário - o professor? o bibliotecário? ou ambos?

Os estudiosos do assunto são unânimes em enfatizar a necessidade de um trabalho conjunto. De modo geral atribui-se a maior responsabilidade da tarefa ao bibliotecário, esperando-se do professor participação no planejamento do programa e reforço em aula da motivação do uso do material bibliográfico. Entretanto, essa cooperação ideal se vê, na prática, dificultada por obstáculos vários, pois os professores não possuem a necessária preparação no uso dos multimeios e desconhecem o papel dos materiais da biblioteca no programa educacional da escola, enquanto que os bibliotecários possuem pouco conhecimento das teorias de aprendizagem e das novas tendências educacionais que afetam o *curriculum*.

Além disso, se considerarmos a escassez de recursos de nossas bibliotecas escolares, temos de reconhecer que aos poucos bibliotecários atuando nessa área, não sobra tempo para outras tarefas que não as estritamente necessárias para o funcionamento da biblioteca. Assim, torna-se forçoso admitir que a tarefa de motivar os alunos de primeiro e segundo graus para a leitura e o uso da biblioteca deve ser, em primeiro lugar, uma responsabilidade do professor, que está necessariamente em contato com os alunos a maior parte do tempo, desde, é claro, que tenha recebido um treinamento sobre a dinâmica da biblioteca.

5 AVALIAÇÃO

A avaliação deve existir como processo contínuo dentro do programa de instrução de biblioteca, tendo início antes mesmo da definição de objetivos. Começa por determinar as características específicas dos usuários, suas necessidades e habilidades e que imagem e expectativa têm eles da biblioteca e do bibliotecário.

A avaliação vai não somente medir os resultados do programa como, antes de mais nada, questionar a própria necessidade de um programa de instrução.

Determinar o que é melhor para a educação do usuário, é, na maior parte das vezes, uma questão de opinião pessoal de bibliotecários, havendo poucos fatos demonstráveis para apoiar uma tomada de decisão. Muitos programas são elaborados intuitivamente, com base no que "acha-se" que o leitor deve saber, sem se considerar seriamente as características individuais do usuário e qual o meio de comunicação mais adequado para veicular determinada idéia.

Os bibliotecários e professores envolvidos na prática de avaliação sentem que é mais fácil e simples determinar e avaliar os objetivos cognitivos do que os afetivos. Mesmo assim, a avaliação não deve ser tentada somente como um processo formal de aplicação de testes e controle de grupos, mas tentar levar em conta também as informações de natureza subjetiva, buscando identificar as relações existentes entre o professor, aluno, meio de comunicação, biblioteca e ambiente.

Entre as técnicas de avaliação adotadas mais comumente, a literatura especializada (5), (10), (13) cita a correlação entre a média de créditos e o uso da biblioteca, a aplicação de questionários e de testes, entrevistas, observação e apresentação de sugestões pelos usuários.

É possível e até desejável que se faça uma combinação de dois ou mais métodos, de acordo com circunstâncias específicas, desde que sejam estudadas da maneira cuidadosa e flexível.

Mesmo não sendo uma tarefa fácil, pois exige tempo e planejamento, a avaliação deve constituir parte integrante do programa de instrução de usuários, como foi dito anteriormente, numa tentativa de medir seus efeitos imediatos e a longo prazo, e para apontar alternativas para mudanças pertinentes.

6 CONCLUSÃO

Diante do quadro de um sistema educacional impotente para concretizar as aspirações fundamentais do cidadão ou para suprir as exigências de uma tecnologia emergente, a situação de nossas bibliotecas escolares está longe de atingir a função de principal centro de aprendizagem dentro da escola, sob a atuação conjunta de professores e bibliotecários.

Seria necessário maior empenho e planejamento para que a escola, e por extensão a biblioteca, estivessem realmente despertando na criança, desde os primeiros anos, o desejo de saber e de usar a biblioteca como fonte de conhecimentos.

A biblioteca escolar deveria ser um laboratório propício ao desenvolvimento das potencialidades do educando, prevendo suas necessidades intelectuais e sociais e oferecendo-lhe meios de satisfazê-las através de suas próprias indagações e pesquisas.

Se as atividades dentro da biblioteca forem interessantes e relacionadas com as reais necessidades da criança e do adolescente, é provável que o programa de educação do usuário de bibliotecas escolares tenha êxito e repercuta, a longo prazo, na solução de vários problemas existentes nas bibliotecas universitárias e públicas. Pois o aluno que desde cedo aprende a fazer uso da biblioteca escolar tem maiores chances de se transformar em usuário inteligente e descontraindo de todas as fontes de comunicação, e em consequência ter, como cidadão, um desempenho social e profissional mais satisfatório.

The methodology and signification of a programme of users' training in school libraries in discussed.

7 BIBLIOGRAFIA

- (1) ADAMS, Margaret. Abuse and underuse of a school library. *The School Librarian*, 26(1): 4-7, 1978.
- (2) AHLERS, Eleznor E. Instruction in library skills. *School Libraries*, 21 (3): 23-5, 1972.
- (3) BEJES, N.C. & DIAS, M.S. Orientação de pesquisa bibliográfica sistematizada em bibliotecas escolares. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 7. 1973. v. 4, n. 3.
- (4) BLAIR, Shirley. Teachers and the school resource centre. *Canadian Library Journal*, 35 (2): 93-100, 1978.
- (5) BREWER, J.G. & HILLS, P.J. Evaluation of reader instruction. *Libri*, 26 (1): 55-65, 1976.
- (6) CARTIER, Céline R. La promotion des bibliothèques dans une société de consommation. *Bulletin de l'Association Canadienne des Bibliothécaires de Langue Française*, 17 (3): 122-8, 1971.
- (7) CARVALHO, Carmen Pinheiro. A biblioteca e os estudantes. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 1 (2): 196-211, 1972.
- (8) COSTA, Tarcilla M. da. Biblioteca Escolar do Centro Pedagógico da UFMG. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 4 (2): 278-82, 1975.
- (9) D'OLIVEIRA, Y.R. Importância da biblioteca escolar no Brasil. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*. 6.. Belo Horizonte, 1971.

- (10) FJALLBRANT, N. Teaching methods for the education of the library user. *Libri*, 26 (4): 252-67, 1976.
- (11) HESS, R.D. The adolescent in the school. *The Library Quarterly*, 30 (1): 17-26, 1960.
- (12) KOSTER, G.E. Librarian in the classroom. *Drexel Library Quarterly*, 8 (3): 223-9, 1972.
- (13) LUBANS, J. Evaluating library user education programs. *Drexel Library Quarterly*, 8 (3): 325-35, 1972.
- (14) MARLAND, M. The role of the information in the school. *The Indexer*, 11 (1): 45-6, 1978.
- (14) MIRANDA, A. Treinamento no uso da biblioteca com recursos audiovisuais: revisão da literatura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 5 (2): 145-64, 1976.
- (16) OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. Escola e biblioteca. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 1 (2): 194-95, 1972.
- (17) PIROG, W. Formación de usuarios de documentación y información. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas*, 24 (5): 294-301, 1970.
- (18) POLKE, A.M.A. A biblioteca escolar e seu papel na formação de hábitos de leitura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 2 (1): 60-72, 1973.
- (19) SMITH, B.G. How do I join, please? Initial library instruction in a secondary school. *The School Librarian*, 24 (2): 109-11, 1976.
- (20) STEVENSON, M. Education of users of libraries and information services. *Journal of documentation*, 33 (1): 53-78, 1977.
- (21) VOGEL, J.T. A critical overview of the evaluation of library instruction. *Drexel Library Quarterly*, 8 (3): 315-23, 1972.
- (22) WHILDIN, Sara Lou. Plimpton prepares: how to win the library instruction game. *Drexel Library Quarterly*, 8 (3): 231-35, 1972.

(Manuscrito recebido em 15 de agosto de 1980.)